

LINGUAGEM: LÍNGUA, FALA E ESCRITA

Marcelo Pessoa¹

RESUMO: O presente texto se volta a investigar as origens da comunicação humana. Metodologicamente, tal exame acontece por meio de uma revisão bibliográfica qualitativa, combinada com uma análise temática e discursiva. Como resultados, o texto apresenta alguns olhares ímpares sobre o processo de comunicação humana, adotando, quando possível, fundamentos das conlangs – línguas inventadas. O principal aporte bibliográfico do estudo, dá-se na obra *Linguagem – a história da maior invenção humana*, de Daniel Everett (2019).

Palavras-chave: Linguagem. Conlangs. Comunicação.

1

ABSTRACT: This paper sets out to investigate the origins of human communication. Methodologically, this examination is conducted through a qualitative literature review, combined with thematic and discursive analysis. As a result, the paper presents some unique perspectives on the process of human communication, drawing, where possible, on principles from constructed languages. The study's primary bibliographic contribution comes from the book **Language: The History of Humanity's Greatest Invention** by Daniel Everett (2019).

Keywords: Language. constructed languages. Communication.

¹ Doutorando em Linguística, pela UFSCAR. Doutor em Letras, Docente, na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Frutal. Pesquisa doutoral desenvolvida com o apoio da FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

INTRODUÇÃO

Em 1907 d.C., numa pedreira de areia de Grafenrain, no sítio arqueológico de Mauer, perto de Heidelberg, na Alemanha, Otto Schoetensack encontrou uma robusta mandíbula, pertencente a uma espécie humana desconhecida, a que ele denominou, então, de *Homo*



Heidelbergensis. Trata-se de um hominídeo, que viveu entre 700.000 e 200.000 anos atrás, que evoluiu do *Homo Erectus* e se tornou o ancestral comum dos *Neandertais* e do *Homo sapiens*. O *Heidelbergensis* foi caracterizado por corpos robustos, maior inteligência que seus ancestrais, grandes cérebros (média de 1.200 cm³) e crânios largos, dotados de arcos superciliares bastante proeminentes. Outras descobertas relacionadas ao *Homo Heidelbergensis*, tais como as de sítios arqueológicos do Omo Kibish, na Etiópia, as de Irhoud, no Marrocos, e as de Herto, na região do Médio Awash, uma depressão geográfica situada em Afar, também na Etiópia, parecem corroborar a hipótese de que este nosso parente tinha boas virtudes de comunicação:



Figura 1 e 2. *Homo Heidelbergensis*, acima, e Crânio, à esquerda. Crédito das fotos: Elisabeth Daynes. In: https://www.worldhistory.org/Homo_Heidelbergensis/



Figura 3. Lança do povo de Heidelberg. In: https://www.worldhistory.org/Homo_Heidelbergensis/

Em Schöningen, na Alemanha, as coisas ficam ainda mais interessantes: oito lanças de madeira habilmente trabalhadas foram encontradas, datadas de pelo menos 300.000 anos atrás. Os restos mortais de numerosos cavalos — muitos com marcas de corte nos ossos — encontrados no mesmo horizonte, corroboram a descoberta de Boxgrove e parecem indicar que o povo de Heidelberg caçava sistematicamente animais de grande porte. Isso não é tarefa fácil; a fabricação das lanças demonstra planejamento minucioso, e abater esses animais perigosos exigiria coordenação e comunicação sofisticada (*Homo Heidelbergensis*, por Emma Groeneveld. Portal World History, 26/03/2017. Disponível em:

https://www.worldhistory.org/Homo_Heidelbergensis/).

Agora, estas fotos e essa pequena digressão histórica de nossa espécie, literalmente ilustram o espaço da folha em branco que, em nosso texto, se preenchem com ideias gerais abertas ao debate específico da linguagem humana. Observamos que a Arqueologia nos sugere

o domínio de aparatos de comunicação sofisticados, desde há longínquas etapas da evolução humana – isso é fato.

Nota-se, também, que estas hipóteses de linguagem, não vieram acompanhadas de suportes escritos: não foram encontrados registros de que o *Heidelbergensis* tivesse deixado relatos em argila, em cavernas, em papiros ou outros suportes de suas atividades cotidianas ou de como construíam suas ferramentas de trabalho, de caça e suas relações interpessoais: outro fato.

Logo, nos permitimos deduzir, por meio de uma utilíssima tecla de atalho de história, que eles se comunicavam, que eles detinham conhecimentos socialmente partilhados, e que não deixaram outro testemunho disso, se não os seus restos mortais, seus vestígios habitacionais, rastros de seus ritos alimentícios, amostras de seus utensílios, porém, nada de linguagem escrita: mais fatos.

DISCUSSÕES

Assim, munidos de fatos, rapidamente reunidos sem nunca termos feito uma incursão a campo sequer, se estivéssemos escrevendo uma Bíblia da Linguagem, descrevendo a língua herdada do *Heidelbergensis*, teríamos, inscrita no Livro I, dessa pseudo proto Gênesis das línguas naturais, algo assim: “no princípio, tudo era o caos e, em meio a isso, o homem *Heidelbergensis* adivinhou o mundo e o dominou, perpetuando seus feitos e afetos, por meio da partilha e da transmissão hereditária de seus conhecimentos e, um dia, quando ele se levantou e disse algo, imediatamente a língua se fez fala e, muito tempo depois, se fez escrita”.

No entanto, apesar desta instigante e extensa linha do tempo que se estabelece entre o *Heidelbergensis* e nós, *Homo Sapiens*, às vezes, ficamos com a impressão de que algo se perdeu ou se transformou drasticamente no universo das relações humanas e, particularmente falando, com relação à nossa capacidade de linguagem, parece que existe um certo efeito reverso de Flynn (1984):

Percebemos com esta pesquisa, que os alunos não distinguem língua falada de língua escrita, ou seja, para eles, as duas possuem o mesmo sistema de linguagem. [...] Isso se deve ao conceito que os estudantes têm sobre a língua, pois, para eles, língua é sinônimo de escrita e, normalmente, a escrita parte do pressuposto de que há certa dificuldade que a engloba, pois para aprendê-la é preciso dominar as regras da norma padrão culta (Girardi, 2020, p. 09).

Essa aparente ruptura da dissociação natural entre língua e sua expressão escrita, constatada por Girardi (2020), num trabalho intitulado “Oficina de língua inventada e o ensino de conceitos linguísticos”, meio que nos chama a atenção para um fenômeno de comunicação

que tende, atualmente, a tornar inseparáveis fatores que, originalmente, nasceram independentes nas línguas naturais: língua, fala, escrita:

O professor George Church, da Universidade de Harvard, recentemente propôs que, com a conclusão do Projeto Genoma Neandertal, podemos agora implantar o DNA reconstruído de um Neandertal no óvulo de uma Sapiens, produzindo, assim, a primeira criança Neandertal depois de 30 mil anos. Church afirmou que poderia fazer isso por meros 30 milhões de dólares. Várias mulheres já se voluntariaram para servir como mães de aluguel (Harari, 2017, p. 414).

É claro que intervenções radicais para tentar reverter este problema, nem de perto passariam pela proposta abaixo – mas, e como isso se resolveria então?

EXTENSÃO DA PROBLEMÁTICA DO ESTUDO

Em Flynn (1984), o autor analisou dados americanos acumulados ao longo de 46 anos, e documentou, pela primeira vez, os expressivos saltos geracionais nos testes de inteligência. Desde então, tem-se voltado aos estudos de Flynn, verificando em que medida os testes de QI são mais ou menos capazes de detectar a continuidade daquela evolução.

Em estudos de metanálise, como os de Schelini *et al* (2011 e 2013), e de Trahan *et al* (2014), e de Cocodia (2014), notou-se que se fizeram ajustes na metodologia de coleta e tratamento dos dados, e os resultados foram mantidos na mesma direção em que as premissas de Flynn apontavam – evolução cognitiva positiva, geração após geração. Contudo, no livro *A fábrica de cretinos digitais*, Michel Desmurget (Desmurget, 2022), ousou e ao mesmo, assustou, quando apresentou resultados exatamente contrários aos que até então se divulgavam.

Segundo ele, detectou-se que, pela 1ª vez na série histórica dos estudos relacionados a Flynn (1984), encontrou-se relevante declínio de QI dos filhos em relação aos pais, fenômeno que se tem convencionado denominar de ‘efeito Flynn Reverso’ e, noutro segmento de estudos sócio-cognitivos, que remonta 1990, na linhagem da socióloga australiana Judy Singer, se aproxima ao que se diz sobre os sujeitos neurodivergentes. Neurodivergente (termo cunhado por Singer, em 1990), resumidamente, é a pessoa cujo funcionamento neurológico, na instância do processamento de informações e na gestão comportamental diferem do padrão neurotípico esperado pela sociedade.

Seu conceito foi mais bem difundido, a partir do texto *NeuroDiversity: The Birth of an Idea* (Neurodiversidade: O Nascimento de uma Ideia). Publicado originalmente em formato digital, em 2016, e impresso, em 2017, este livro de Singer, é a versão expandida da sua Tese de Conclusão de Curso (*Honours thesis*), de 1998. Em meio a isso tudo, outros grupos de pessoas se

assemelham em conduta, tanto ao que se acredita como sendo do escopo do Flynn Reverso, quanto ao que se propugnou como Neurodivergência. Dentre estes grupamentos, estão os diagnosticados com Autismo (TEA), com TDAH, com dislexia, discalculia, e mesmo com superdotação.

Uma linha de raciocínio a seguir, seria a de que os alunos de Girardi (2020) não corresponderam coletivamente ao padrão neurotípico esperado pela sociedade, no que poderiam ser classificados como neurodivergentes. Entretanto, como este estudo não se volta à escuta psicológica ou aos distúrbios de aprendizagem que tenham vieses psíquicos associados, propomos um salto de saída desta seara e nos lançamos diretamente ao campo de domínio da Linguística, do Discurso.

Assim, vemos que é mais razoável acreditar ou, no mínimo supor, que o que Girardi (2020) detectou, ao relatar que seus aprendizes de conlangs² tiveram dificuldade de dissociar, quando da criação de uma língua, é que o repertório de conhecimentos que as originariam e as suas consequentes expressões escritas, não são sinônimos uns dos outros, como também têm funcionamento e regramentos independentes, assíncronos, com objetivos distintos: enquanto que a língua opera na instância de fortalecer o homem e os grupos naquilo que eles conhecem, a fala e a escrita os fortalecem os vínculos de pertencimento e naquilo que eles deixam de legado (Benveniste, 1970).

Outra linha de raciocínio a se adotar, passa pelos postulados de Ferdinand Saussure (2006). Ele acreditava que língua e fala são entidades correlatas e distintas. Para ele, os elementos socialmente partilhados da linguagem, os substratos que nos permitem estabelecer mínimos vieses de entendimento mútuo, reduzindo ao máximo grau possível discrepâncias

² O termo conlang deriva do inglês, constructed language, sendo que, do somatório de suas sílabas iniciais con+lang, resulta um vocábulo único: conlang – simples assim. Mais à frente, quando fizermos uma breve classificação de alguns dos tipos de conlang existentes, daremos a saber nomes de conlangs mais ou menos conhecidas do grande público, por meio da mídia, do cinema, do mercado financeiro, das artes, do noticiário, somente a título de amostras sobre do que estamos falando. São chamadas conlangs, as línguas construídas, ou línguas inventadas, ou línguas projetadas, ou línguas artificiais, ou ideolínguas, aquelas que, por meio dos mais diversos procedimentos de construção e para atender a múltiplas necessidades, foram artificialmente criadas, quer seja por agentes humanos, quer tenham surgido, mais recentemente, a partir de prompts dados a operadores de IA (Inteligência Artificial). Em suma, a ideia subentendida e circulante de conlang sugere uma oposição entre o que intuitivamente entendemos como sendo uma língua natural, vigente ou inativa (Sânscrito, Latim, Inglês, Português, Russo, Mandarim etc.), no sentido de que, enquanto uma conlang foi inventada, seguindo uma motivação em particular (artística, humorística, comercial), a língua natural nasce espontaneamente, em meio à sociedade, nela se desenvolve e, independentemente do desejo de seus usuários, atua significativamente para o estabelecimento de comunicação, de registros históricos, se sujeitando à interferência de subjetividades individuais, de imprecisões regionais e ao ritmo das variações de uso. Para conhecer melhor este universo inventivo humano, veja Okrent (2009).

semânticas, culturais, geográficas, históricas, lexicais etc., é o que chamamos de língua, enquanto que à realização individual desse arcabouço chamamos de fala.

CONCLUSÕES

Entende-se que, na perspectiva saussureana, há um pré-requisito coletivo na linguagem intrínseco à constituição de uma manifestação natural de linguagem, que é a partilha e transmissão coletiva e invisível do conhecimento linguístico – tal como a recebemos dos Heidelbergensis – e, por sua vez, há uma consequência física inevitável, intrínseca e não perene típica dos seres humanos, que é a fala, que não recebemos dos Heidelbergensis.

Isto nos permite afirmar, em suma, que o conhecimento é o substrato imaterial, intangível e imensurável da linguagem, enquanto que a fala, é a contingência física e mensurável do mesmo processo natural de comunicação, e que, complementar a isto, entende-se que “A escrita é um método para armazenar informações por meio de símbolos materiais. [...] A escrita nasceu como uma serva da consciência humana, mas pouco a pouco se tornou sua senhora” (Harari, 2017, p, 130 & 140), elemento que, tal qual a fala, não a recebemos dos Heidelbergensis.

E é nessa esquina da História, que todos os nossos personagens parecem se encontrar. Nessa encruzilhada do espaço-tempo-textual, nos deparamos com nosso Heidelbergensis, produzindo conteúdos analógicos a serem postados em suas tumbas sociais. Saindo dos túmulos do tempo, pressentimos os Neandertais de 300.000 mil anos atrás rompendo placentas Sapiens em 2026, ocupando, em breve, novos lugares de fala nas caixinhas do INSTAGRAM, em shorts do TIK TOK.



E nós, em nosso abalroado espaço, ora morando em casas-contêineres, ora hospedados em hotéis-cápsulas, ora comprando apartamentos do tamanho de banheiros, vivemos espremidos e sonhamos em colonizar o espaçoso Planeta Marte e inventar línguas universais, tais como o GESTUNO (Federação Mundial de Surdos – WFD –, em 1973), ou o Esperanto (criado, em 26 de

³ Oficialmente, por causa da Escrita, o GESTUNO se consolidou com a publicação de um livro, em 1975, feito em parceria com a Associação Britânica de Surdos (BDA), intitulado **Gestuno: International Sign Language of the Deaf**, contendo cerca de 1.470 sinais padronizados. O nome mistura as palavras ‘gesto’ e ‘unidade’.

julho de 1887⁴, pelo médico oftalmologista e linguista polonês, Ludwik Lejzer Zamenhof), enquanto rendemos honras à Sua Majestade – a escrita. Ao lado, temos o Signuno, um Manalfabeto, isto é, um Código Gestual Visual do Esperanto, baseado no GESTUNO, provavelmente criado em 2011, por autor incerto, mas com direitos preservados por Copyright ©2011, acessível pelo link <https://web.archive.org/web/20230819144154/https://signuno.webs.com/>.

Não poderiam faltar nesse encontro, Girardi (2020), que, sem muita surpresa, poderia constatar agora, além do que já percebeu, que os seus alunos Sapiens contemporâneos, não só são incapazes de conceber uma língua inventada dissociada de uma expressão escrita e de suas normas, como também apenas confirmam o que Harari, a WFD e Zamenhof já haviam ratificado, por meio da publicação de suas obras: a escrita é, de fato, a senhora das nossas consciências.

E Saussure (2006)? Bom, este, por enquanto, ficou falando sozinho, não por irrelevância, mas muito pelo contrário. Manteve-se assim, visto que ele próprio, ao fazer isto, dá substância ao que defendia: a fala (no caso, a dele) é a materialização do conhecimento linguístico que ele professou. E, como o que nos interessa neste texto, é o conteúdo, ei-lo então.

A Escrita resolve um antigo problema do ser humano – a sua inevitável falibilidade física, quer no que diga respeito à capacidade de acesso às lembranças, quer no que se atrele à longevidade. A Escrita não se revestiu de vilã, tal como pode sugerir a menção de Harari (2017), ao dizer que a Escrita se tornou senhora da consciência. Pelo contrário, ela dá continuidade ao ato de fala – a Escrita rompe as barreiras do tempo e amplia o alcance da memória. Ela dá continuidade à materialidade do conhecimento linguístico à qual Saussure se dedicou a discutir.

Nesse debate, sutilmente se interpõe o pensamento de Èmile Benveniste (1902-1976), cujas preocupações, ainda nos anos de 1970, se deram no escopo de entender de que modo o conjunto de conhecimentos acumulados pelo ser humano era alçado para os atos de fala. Para este autor, estava claro que isso se dava por meio da Enunciação e, o que se quis afirmar com isto, é que tal evento ocorria, justa e ao mesmo tempo em que se realiza o ato de fala, consolidando a cognição de que uma língua só pode ser considerada viva, se passa deste para aquele estado, se transferindo do eixo de seleção para o eixo da realização:

⁴ Oficialmente, também, por causa da Escrita, Zamenhof publicou a gramática inicial da sua ideolíngua, em 1887, na cidade de Varsóvia, por meio de um livreto, chamado **Unua Libro** (Primeiro Livro). Ele assinou a obra sob o pseudônimo de Doktoro Esperanto, que significa ‘Doutor que tem esperança’.

A linguagem reproduz a realidade. Isso deve entender-se da maneira mais literal: a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva (Benveniste, 1970, p. 26).

Quando gritamos à beira de um penhasco, ouvimos um eco de nossa própria voz, reverberando por algum tempo, mesmo que já não mais tenhamos emitido som algum. Do mesmo modo, a Escrita reverbera numa indeterminada linha do tempo, o que foi pensado, dito e registrado – a escrita é uma extensão adicionada ao *software* navegador que realiza a fala humana. Portanto, é um avanço tecnológico e não uma prisão ou uma vassalagem do Homem face à própria criatura.

A Escrita, neste sentido, dá à humanidade uma possibilidade de transcendência que, sem a qual, se extinguiria simultaneamente ao fim dos ecos no penhasco ou se restringiriam à engenharia sociocultural reversa promovida pela Arqueologia, pela História, pela Paleontologia, ficando eternamente dependente do maior ou menor acerto interpretativo do cientista que as tivesse realizado.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral. Trad. de Maria da Glória Novak & Luiza Neri. São Paulo: EdUSP, 1970.

COCODIA, Ebinepre A. Are Kids Getting Smarter? Perceptions of Abilities in Lagos State / As crianças estão ficando mais inteligentes? Percepções sobre habilidades no estado de Lagos. Escola de Artes e Ciências, Universidade de Notre Dame, Austrália, Sydney. Psicologia, Vol. 5, nº 13, setembro de 2014. Disponível em: https://content.scirp.org/pdf/psych_2014091009193398.pdf. Acesso em 06/07/2026, às 17h06min.

DESMURGET, Michel. A fábrica de cretinos digitais – os perigos das telas para nossas crianças. São Paulo: Vestígio, 2022.

EVERETT, D. Linguagem: a história da maior invenção da Humanidade. São Carlos: Contexto, 2019.

FLYNN, James R. O QI médio dos americanos: ganhos expressivos de 1932 a 1978 / The mean IQ of Americans: Massive gains from 1932 to 1978. Psychological Bulletin, 1984, n. 95 (1), p. 29–51. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0033-2909.95.1.29>. Acesso em 06/07/2026, às 15h24min.

GIRARDI, Jane Eder. Oficina de língua inventada e o ensino de conceitos linguísticos. Dissertação de Mestrado. São Carlos / SP: UFSCAR, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/server/api/core/bitstreams/7480b48b-88fe-4db4-942b-a93103068ea3/content>. Acesso em: 30/06/2026, às 20h58min.

HARARI, Yuval Noah. Uma breve história da humanidade – Sapiens. Porto Alegre: L&PM, 2017.

OKRENT, Arika. In the land of invented languages: Esperanto rock stars, Klingon scholars, and the Wall Street eccentrics who hoped to design a perfect world. New York: Spiegel & Grau, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHELINI, Patrícia Waltz; ALMEIDA, Leandro S.; DUARTE, Clara; CANAS, Ilídio; PRIMI, Ricardo. Efeito flynn: Estudo com adultos portugueses. COLÉGIO INTERNATO DOS CARVALHOS, Psicologia Educação e Cultura, 2011, vol. XV, nº 2, p. 407-415. Disponível em: <https://repositorium.uminho.pt/server/api/core/bitstreams/e9ce1566-cod4-48eo-8ad3-3a1f9437f4ff/content>. Acesso em: 06/07/2026, às 21h39min.

SCHELINI, Patrícia Waltz; ALMEIDA, Leandro S.; PRIMI, Ricardo. Aumento da inteligência ao longo do tempo: efeito Flynn e suas possíveis causas. Psico-USF 18 (1), Abr 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000100006>. Acesso em: 06/07/2026, às 17h24min.

SINGER, Judy. NeuroDiversity: The Birth of an Idea (Neurodiversidade: O Nascimento de uma Ideia). Amazon: First published in Kindle, 2016. Disponível em: <http://dickyricky.com/books/psych/NeuroDiversity%20-%20The%20Birth%20of%20an%20Idea%20-%20Judy%20Singer.pdf>. Acesso em: 17/07/2026.

TRAHAN, Lisa; STUEBING, Karla K.; HISCOCK, Merril K., & FLETCHER Jack M. The Flynn Effect: A Meta-analysis. University of Houston: Psychol Bull. 2014 September; 140(5): 1332-1360. doi: 10.1037/a0037173. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC4152423/pdf/nihms599844.pdf>. Acesso em: 06/07/2026, às 17h17min.